

Mercado de bens de capital demonstra estagnação

Retomada será mais lenta nos setores que dependem de grandes investimentos

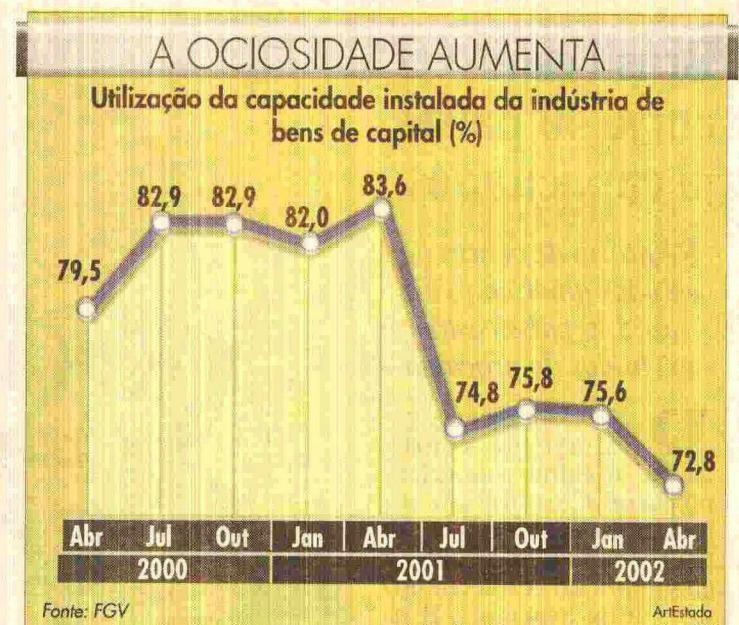
MARCELO REHDER
e MÁRCIA DE CHIARA

Setores que dependem diretamente de novos investimentos na economia ou têm seu desempenho ligado ao mercado internacional deverão demorar mais para deslanchar. Entre eles, estão os bens de capital, o segmento de energia elétrica, papel e celulose, entre outros.

De acordo com o economista Celso Toledo, da consultoria MCM, a atual disparidade no ritmo de retomada entre os diversos setores é normal quando a economia está em processo de recuperação. "Esse movimento está sendo mais lento do que o esperado, já que o Banco Central está sendo cauteloso demais na redução das taxas de juros", avalia o economista.

O setor de bens de capital, que tradicionalmente é o último a reagir quando a economia volta a crescer, ainda exibe sinais de estagnação. A Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que o nível médio de utilização da capacidade instalada do setor estava em 72,8% no mês passado. Há um ano, esse indicador estava em 83,6%. Trata-se do nível mais baixo desde abril de 1999.

"A retomada no segmento de bens de capital é lenta. Já há indústrias pensando em investir, o que sinaliza que o início dessa recuperação deverá ter impacto na produção de bens de capital no segundo se-



mestre", observa a economista da Consultoria Tendências Fabiana Fantoni.

Banho-maria – De acordo com Fabiana, a crise da Argentina teve influência na desaceleração dos bens de capital. O país vizinho era o segundo maior importador de máquinas e equipamentos fabricados aqui. No primeiro trimestre deste ano, as exportações brasileiras de máquinas e equipamentos caíram 9%, em boa parte por causa da Argentina.

O ritmo de recuperação do setor de energia elétrica também está em banho-maria. As indefinições quanto à regulamentação e a crise internacional que afeta as empresas com filiais no Brasil estão adiando

os investimentos. Além disso, observa o economista Armando Franco, também da Tendências, a rentabilidade das empresas foi influenciada no primeiro trimestre pelos dois meses de racionamento. "O cenário é bastante confuso", diz ele. No entanto, o economista pondera que o setor deverá reagir, acompanhando o aumento da produção nas empresas. Os dados mostram que o consumo de energia elétrica ainda é baixo.

No setor de papel e celulose, as cotações internacionais do produto já apresentam uma ligeira reação. Segundo Amaryllis Romano, da Tendências, esse movimento reflete o ajuste nos volumes de produção e a ainda tímida retomada da demanda internacional.

**CENÁRIO
AINDA É
BASTANTE
CONFUSO**